

Cognição, pós-verdade e ensino de língua portuguesa: desafios no traçar de caminhos¹

Cognition, post-truth and portuguese language teaching: challenges in tracing paths

A. Ariadne Domingues Almeida²
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Neste texto, apresento reflexões sobre o fenômeno da pós-verdade e a construção de sentidos no ato de ler. Para isto, levo em consideração a cognição humana, observando o papel da metáfora e da metonímia na conceptualização; destaco uma opinião emitida, na pandemia de covid-19, pelo ex-presidente do Brasil. As discussões expostas foram amparadas por autores, como Maturana (2001; 1996), Lakoff (1996; 1987); Lakoff e Johnson (1980); Almeida (2023; 2020). Em conclusão, evidencio a importância de não separar dimensões da existência humana, como razão e emoção, para a geração de sentidos para textos produzidos no domínio da pós-verdade.

Palavras-chave: Cognição. Construção de sentidos. Leitura. Opinião. Pós-verdade.

Abstract: In this text, I present reflections on the phenomenon of post-truth and the construction of meaning in the act of reading. To do this, I take human cognition into consideration, observing the role of metaphor and metonymy in conceptualization; I highlight an opinion issued in the covid-19 pandemic by the former president of Brazil. The discussions presented were supported by authors such as Maturana (2001; 1996), Lakoff (1996; 1987); Lakoff and Johnson (1980); Almeida (2023; 2020). In conclusion, I highlight the importance of not separating dimensions of human existence, such as reason and emotion, for generating meaning for texts produced in the post-truth domain.

Keywords: Cognition. Construction of senses. Reading. Opinion. Post-truth.

O TRAÇAR DAS ROTAS: A INTRODUÇÃO

A palavra pós-verdade tem sido presente, em diversos momentos do nosso cotidiano, é usada, recorrentemente, em postagens, em comentários, em conversas de bar, dos pontos de ônibus etc. Muitas pessoas, porém, não sabem exatamente o que quer dizer pós-verdade, embora já possam ter emitido alguma opinião a seu respeito, particularmente, em alguns episódios da história do tempo presente, quando a palavra inundou os veículos de comunicação do Brasil, na eleição de 2022, para os cargos do

¹ Para minha irmã Veca – Profa. Dra. Verônica Domingues Almeida (UFBA) – que me inspira entretecer os fios que constituem o tecido junto da educação em sua complexidade. Para ela, também, o meu agradecimento pela leitura deste texto e pelas suas sugestões valorosas.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, Professora Associada IV do Instituto de Letras da UFBA. Pós-doutorado pela UFRN (2023-2024) e pela UNEB (2017-2018 – PNPd-CAPEs). E-mail: ada.domingues@gmail.com.

executivo e do legislativo, e nos difíceis dias de pandemia de covid-19, vividos recentemente.

Ao buscarmos por pós-verdade na internet, somos lembrados que, em 2016, foi eleita a palavra do ano e definida, no Dicionário Oxford, como: "*algo que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência para definir a opinião pública do que o apelo à emoção ou crenças pessoais*"³. Aqui, no Brasil, o dicionário Houaiss (2023), por sua parte, traz a seguinte paráfrase definitiva para o lema pós-verdade: "Falsa asserção apresentada como fato, que apela para a emoção do público, mistificando a verdade e ultrajando a ética [...]".

Em seus verbetes, esses dicionários evidenciam conceitos relacionados à pós-verdade, como fato, opinião, emoção, crença, verdade e ética, além de falsidade. Como trazer essas noções, para as aulas de língua portuguesa, pensando em trabalhar a leitura e a compreensão, ou melhor, a construção de sentidos a partir de textos criados no contexto da pós-verdade? Essa pergunta motivou a produção das reflexões expostas neste texto.

Evidentemente, não é possível respondê-la prontamente; será necessário contar não só com as contribuições de outros colegas que já se dedicaram ao fenômeno ou de tantos outros que estão, agora, assim como eu, se debruçando sobre esse problema e, ainda, daqueles que irão se voltar para discuti-lo. Então, para compreender a pós-verdade nas nossas vidas, e, particularmente, no chão das nossas escolas, uma rede de solidariedade científica têm sido tecida e, ainda, continuará a ser constituída, para que, enquanto sociedade, sejamos capazes de linguajar-pensar-razoar-emocionar-agir como problematizadores desse fenômeno que chega, inclusive, a ser perigoso para a manutenção da própria existência humana, haja vista, por exemplo, a falta de aderência às campanhas de vacinação e a volta ou a ameaça de retorno de doenças mortais já erradicadas no Brasil.

Aqui, ofereço a minha contribuição, de acordo com as coordenações consensuais de conduta do domínio cognitivo da ciência⁴, em conformidade com o critério de validação das explicações científicas. Para estabelecer essa rede de conversações que envolve afirmações e explicações validadas pelo critério de validação das explicações científicas, sob a paixão do explicar, vou dialogar especialmente com Maturana (2001), mas também com Lakoff (1996), Almeida (2024), entre outros autores. E para apresentar as reflexões empreendidas, este artigo, além destas primeiras palavras – *O traçar das rotas: a introdução* –, foi dividido em duas seções, quais sejam: 1) *O percurso para pensar a cognição e a conceptualização* e 2) *O percurso para pensar a construção de sentidos no ato de ler no domínio da pós-verdade*. Estas partes são seguidas pelas últimas palavras – *Uma rota traçada: considerações finais* – que antecedem as *Referências*. Isto posto, a seguir, teço algumas considerações sobre o aparato teórico que sustentou as discussões constantes da sua segunda seção.

³ Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade> Acesso em 21 mar. 2024.

⁴ Este texto foi produzido durante o meu pós-doutoramento na UFRN e atrela-se aos estudos que venho realizando, uma vez que foi elaborado a partir de reflexões que tenho feito sobre a ciência da complexidade, portanto sobre uma ciência que procura religar os fios da linguagem aos de outras dimensões da vida humana.

1 O PERCURSO PARA PENSAR A COGNIÇÃO E A CONCEPTUALIZAÇÃO

Para compor o título deste texto, além de pós-verdade, também, foi selecionada a palavra *cognição* que, aqui, é entendida como: “[...] como uma ação efetiva, uma ação que permita a um ser vivo continuar sua existência em determinado meio ao produzir aí seu mundo. Nem mais, nem menos” (Maturana; Varela, 2001, p. 72).

O mundo, ou melhor, os mundos possíveis são criados, como entende a *Linguística Cognitiva*, através da ação de *conceptualizar*. A *conceptualização* possibilita, então, que o ser humano crie mundos internos-externos, logo, permite o conhecer e a manutenção da vida (Almeida, 2020).

Conceptualizar é significar e o significado das expressões *linguageiras* compreende, além dos conteúdos *conceptuais*, a maneira como esse conteúdo é elaborado, isto é, inclui a *perspectivação conceptual*. Assim, podemos criar *perspectivas alternativas* para algo ou para alguém (Almeida, 2023).

As expressões *linguageiras verbais*, *verbo-imagéticas* ou ainda quaisquer outras impõem uma *perspectivação específica* ao conteúdo que materializam, de tal modo que não há *arbitrariedade*, quando selecionada uma ou outra expressão da *linguagem*, entre todas as outras possíveis (Almeida, 2023).

Logo, somos capazes, por meio de operações de *perspectivação conceptual*, de impor uma *estrutura* ao conteúdo *conceptual*; temos, portanto, a capacidade de conceber o mundo com suas *paisagens* e seus *personagens* – *reais-imaginários* – de formas alternativas (Silva, 2006). A *metáfora* e a *metonímia* são operações de *perspectivação conceptual*, mecanismos de *conceptualização* (Almeida, 2020).

A primeira, que torna possível entender um conceito parcialmente em termos de outro (Lakoff; Johnson, 1980), é uma operação de *juízo-comparação*, atrelada à estratégia de *enquadramento* (Croft; Cruse, 2008) e possibilita que formas de *pensar-linguajar-agir*, típicas de um domínio, sejam utilizadas em outro (Almeida, 2022); isto porque se trata de uma correspondência entre conceitos que transcende domínios (Lakoff, 1996), áreas de conhecimento que alicerçam a significação de uma unidade da *cognição* materializada *linguisticamente* (Langacker, 1987).

Já a segunda, a *metonímia*, possibilita que entidades *conceptualmente contíguas* em um mesmo domínio *conceptual* sejam associadas, de modo a *viabilizar* que, nesse mesmo domínio, um conceito seja compreendido em relação a outro (Barcelona, 2012). Portanto, é o fenômeno responsável por possibilitar que sejam estabelecidas *conexões* entre diferentes dimensões de um mesmo domínio (Almeida; Santos, 2020), por meio de relações de *interdependência*, *contiguidade*, *causalidade* (Almeida, 2020).

Apresentado o aporte teórico, passo, na próxima seção, a refletir sobre possíveis caminhos para construir sentidos no ato de ler em face da pós-verdade.

2 O PERCURSO PARA PENSAR A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO ATO DE LER NO DOMÍNIO DA PÓS-VERDADE

Para refletir sobre pós-verdade – fenômeno que ganhou força nos últimos anos e não apenas no Brasil, mas em todo o planeta –, particularmente, para pensar como os estudos da cognição podem contribuir para o debate concernente aos desafios e aos caminhos possíveis para o ensino de língua portuguesa, especialmente, da construção de sentidos no ato de ler, em tempos de meias verdades, de verdades fabricadas, enfim, em tempos de meras opiniões, independentes de fatos, convido Maturana (2001, p. 47-48), para colaborar com a tessitura desse meu refletir:

[...] estava visitando um museu em Londres quando era estudante em 1955, olhando uma exposição de pintura de um artista japonês sobre Hiroshima. Quando saímos de lá, um colega, um amigo chileno, fez o seguinte comentário: "E o que me importa que no Japão, em Hiroshima, tenham morrido cem mil japoneses se eu não conheci nenhum?" Pensei: "Que magnífico, e que terrível!" Que magnífico, porque esta dizendo o que é. Como vai lhe importar o que acontece com o outro, se o outro não tem existência para ele, porque não o leva em conta? Não lhe importa o que acontece ao outro. E que terrível que não tenha informação para que lhe importe. Mas ambas as coisas são válidas. Não há preocupação pelo outro se o outro não pertence ao domínio de aceitação no qual se está, o domínio social no qual se está [...]" (Maturana, 2001 [2000], p. 47).

Somada a esta passagem do livro *Cognição, ciência e vida cotidiana*, aqui antes transcrita, aduzo uma fala que expressa uma opinião proferida em abril de 2020, pelo então presidente da República Federativa do Brasil: Esse vírus é igual uma chuva, vai molhar 70% de vocês. Isso ninguém contesta [...]⁵.

Na compreensão metafórica do novo vírus em termos de chuva, expressa nesta colocação do ex-mandatário, há a exposição de uma opinião não baseada em fatos, mas não há propriamente uma informação falsa. Isto, porque uma parte da população do Brasil e de todo restante do mundo experienciou a covid-19, de um modo menos acentuado, como “quem passou por uma chuva”. Mas outra parte, porém, viveu essa doença como se estivesse diante de um *tsunami*, de um maremoto, de um furacão⁶ e, como se estivesse em face desses terríveis e excepcionais fenômenos naturais, indefesa, não teve a sorte de atravessá-los com vida.

Inspirada pelo pensamento de Maturana (2001, p. 45), compreendo que “todas as ações humanas acontecem num espaço de ação especificado estruturalmente como

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/03/bolsonaro-compara-coronavirus-chuva.htm> Acesso em: 04 set. 2023.

⁶ Expressões como *Tsunami* de covid (<https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2021/12/4974075-tsunami-de-covid-19-ameaca-causar-caos-na-saude-de-varios-paises.html>); A pandemia é um maremoto (<https://oglobo.globo.com/saude/a-pandemia-um-maremoto-a-mare-continua-alta-diz-epidemiologista-maria-amelia-veras-1-25025223>); o furacão chamado coronavírus (<https://funditausaind.com.br/noticia/um-furacao-chamado-coronavirus/>) materializam a metáfora conceptual PANDEMIA É FENÔMENO DA NATUREZA (Almeida, 2020).

emoção⁷” e, quando alguém manifesta uma opinião, como essa emitida pelo ex-presidente, ou quando cria e propaga uma *Fake News* e ou ainda quando alguém não produz esses tipos de textos, mas se compromete a propagá-los, ajudando a viralizá-los não está no domínio social. Entendo, assim, que a opinião emitida pelo ex-presidente não demonstra preocupações éticas, porque quem a pronuncia não está na emoção do amor⁸, no domínio da aceitação mútua, da aceitação do outro na convivência. O amor constitui o espaço de preocupação com o outro, enfim, o espaço social⁹. Afinal, o social é fundado pela emoção do amor.

Nem todas as relações humanas, porém, são sociais, “por exemplo, alguém está trabalhando numa fábrica e está conversando com um amigo. Vem o chefe [...] e diz: “Aqui não se pode socializar; vamos trabalhar.”” (Maturana, 2001, p. 46). No caso em tela, há uma relação de trabalho e não uma relação social. Isto, porque, “há diferentes tipos de relações e interações humanas, dependendo da emoção que as fundamenta” (Maturana, 2001, p. 46). Assim, por exemplo, quando alguém, em um evento acadêmico, fala algo como: “De noite, vamos sair, jogar conversa fora, comer uma coisinha, relaxar um pouco! Hoje, foi puxado!”, o dito está fundado nas relações humanas alicerçadas sobre o amor, isto é, sobre a emoção da aceitação mútua, da aceitação do outro na convivência.

E mais, quando a emoção muda, muda, da mesma forma, o sistema racional. O ser humano não se caracteriza, apenas, por sua razão, de modo que,

[...] dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional [...]. Todo sistema racional se constitui no operar com premissas previamente aceitas, a partir de uma certa emoção. (Maturana, 1998, p. 15).

⁷ Como observa Maturana (1998, p. 15), “as emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação [...] quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção.”

⁸ Maturana (2001, p. 46), assim, explica o uso de amor: Uso esta palavra, primeiro, porque a encontramos cotidianamente. Nós falamos de amor toda vez que nos encontramos numa situação na qual as pessoas, junto com outras pessoas, em sua relação com os objetos, se conduzem aceitando o outro como tal, junto de si. Em outro momento, o mesmo autor ainda destaca que “a emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Sei que o que digo pode chocar, mas insisto, é o amor. Não estou falando com base no cristianismo. Se vocês me perdoam direi que, infelizmente, a palavra amor foi desvirtuada, e que a emoção que ela conota perdeu sua vitalidade, de tanto se dizer que o amor é algo especial e difícil. O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada especial. O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social” (Maturana, 1998, p.23-24).

⁹ Conforme Maturana (2001, p. 46): “o social é uma dinâmica de relações humanas que se funda na aceitação mútua. Se não há aceitação mútua e se não há aceitação do outro, e se não há espaço de abertura para que o outro exista junto de si, não há fenômeno social”.

E ainda quando a emoção muda, não apenas o sistema racional muda, mas também a ação, bem como a linguagem, uma vez que

o humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional [...] (Maturana, 1998, p. 18).

Enfim, emoção-razão-ação-linguagem são dimensões da vida inter-relacionadas e não devem ser dissociadas para a compreensão de qualquer fenômeno humano (Maturana, 2001), sob pena de dissecar as partes, reduzir os seus menores elementos, mas não compreender as inter-relações entre essas partes e, portanto, não chegar ao entendimento do fenômeno em sua inteireza, ou melhor, em sua complexidade (Morin, 2009).

Também para pensar sobre a opinião emitida pelo ex-mandatário do Brasil, em um momento em que muitas vidas brasileiras eram ceifadas pela covid-19, podemos trazer para o debate a relação entre a compreensão metafórica da pandemia em termos de chuva e a ética ou, mais precisamente, a ausência dela. As preocupações éticas são dependentes da emoção; a reflexão ética emerge no espaço de preocupações com o outro e não vão além do domínio social em que emergem. Logo, ninguém que já não esteja convencido, se convence com uma argumentação sobre ética, direitos humanos, respeito. Então,

Se estou na emoção de aceitação do outro, o que lhe acontece tem importância e presença para mim. Faz-se uma reflexão ética. "Como podemos deixar que aconteça isto com estas pessoas?" Mas se estas pessoas não pertencem ao meu espaço de aceitação mútua, não pertencem ao domínio social no qual estou, o que lhes aconteça não me toca. Aqui não há preocupação ética [...] (Maturana, 2001, p. 49).

Temos a tendência de achar que, por princípio, um presidente da república de um país democrático esteja no domínio do social, portanto no domínio da emoção do amor, da aceitação mútua. Mas a opinião proferida pelo ex-presidente move-se por emoção diferente da dor empática¹⁰, o que é possível afirmar, considerando que ele se encontra no domínio de ação de preservação da economia em detrimento da vida.

Sua fala, pelo que compreendo, pauta-se no modelo cognitivo idealizado do pai severo¹¹ (Lakoff, 1996), e, nesse modelo cultural, a manutenção da economia ativa gera mais preocupação para os governantes do que o olhar com empatia para aqueles que seriam tidos como "organismos fracos" e, por isto, seriam, naturalmente, "abatidos", conforme o modelo cultural da seleção natural da espécie. Assim sendo, é possível

¹⁰ Sobre as emoções: <https://exame.com/ciencia/estas-sao-as-27-principais-emocoes-humanas-segundo-a-ciencia/>. Acesso em: 02 set. 2023.

¹¹ No modelo do Pai Severo, entende-se que a vida é difícil e perigosa. Trata-se de um modelo de família voltado para o desenvolvimento de filhos fortes e moralmente íntegros, capazes de enfrentar as ameaças e os males do mundo. O modelo do pai severo compreende uma moral autoritária, guiada por punições e recompensas (Lakoff, 2016 [1996]).

compreender que esses outros não seriam vistos como semelhantes por quem se move por emoção diferente da emoção da aceitação mútua na convivência.

Além disto, é a metonímia PARTE-PARTE que torna possível, nessa fala do ex-presidente, ressaltar uma maior parte da população – 70% - em detrimento de uma menor parte – 30%, que, inclusive, não se encontra expressa linguisticamente. Esta porcentagem – vale observar – não é fidedigna. Mas, independentemente desses números serem efetivos, as pessoas sabem que maior parte da população não morreu em decorrência dessa doença. Isto possibilita que aquelas que já compartilham desse modelo do pai severo ou mesmo que sejam biconceptuais¹² aceitem essa opinião sem maiores questionamentos.

A metonímia em questão ancora essa fala que leva alguns ao engano, isto, porque, como antes aqui já assinalado, embora uma parte da população tenha experienciado a covid-19 como quem passou por uma chuva, outra parte, ainda que menor, é fato, não teve oportunidade de sobreviver, de tal sorte que, em números divulgados pelo Ministério da Saúde, em 2 de setembro de 2023, já contavam 705.313 óbitos no Brasil decorrentes de complicações com a covid-19¹³.

As pessoas que morreram não são números-estatísticas; elas têm CPF, RG, porque são cidadãs, mas não são apenas cidadãs, elas são seres humanos e merecem ser tratadas com dignidade da pessoa humana. Elas são sujeitos singulares, pois são mães, pais, avós, avôs, filhos, filhas, irmãos, irmãs, amigas e amigos que deixaram outras pessoas órfãs de amor, dos mais diversos tipos de cuidado afetivo e, não poucas vezes, também, do cuidado material que se faz vital, para manutenção da existência de quem sobreviveu à pandemia, haja vista o problema dos órfãos da covid-19¹⁴.

Indo por outro viés, se deixadas as singularidades de lado e se apenas for ponderado o aspecto administrativo ou, até mesmo, exclusivamente, material estatal, em picos pandêmicos, o número de pessoas hospitalizadas foi suficiente para gerar caos, como deixa patente o caso do estado do Amazonas¹⁵. Mas, nessa fala-atitude do ex-presidente, seguida de outras falas-attitudes dele e de outros negacionistas, não se identificam as emoções da dor empática e do amor.

A opinião emitida pelo ex-mandatário alicerça-se na emoção e na razão diferentes do amor e se sustenta pelo modelo do pai severo, como já anteriormente evidenciado; esse seu dizer leva-me a compreender que o ex-presidente não enxergava a população brasileira como pertencente ao seu espaço de aceitação mútua e, se as pessoas do Brasil

¹² Conforme Lakoff (2013), os biconceptuais ativos são pessoas que utilizam um sistema moral em uma esfera da vida e outro sistema moral em outra. Assim, utilizam ora o sistema moral conservador, ora o progressista.

¹³ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 05 set. 2023.

¹⁴ Em dezembro de 2021, o Conselho Nacional de Saúde informava, conforme relatório do CNS e do CNDH que mais de 113 mil menores de idade perderam os pais na pandemia. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2235-orfaos-da-covid-19-mais-de-113-mil-menores-de-idade-perderam-os-pais-na-pandemia-denuncia-relatorio-do-cns-e-cndh> Acesso em: 30 mar. 2024. No Brasil, agora em 2023, os órfãos da covid seguem sem políticas de reparação. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/03/12/orfaos-da-pandemia-seguem-sem-politicas-de-reparacao-quatro-anos-apos-1-morte-por-covid-no-brasil> Acesso em: 30 mar. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/coronavirus-manaus-colapso-falta-oxigenio/> Acesso 30 mar. 2024.

não pertencem ao seu espaço de aceitação mútua, elas não pertencem ao mesmo domínio social em que ele se encontra, de modo que o que vier a lhes acontecer não o tocaria. Então, não ocorre preocupação ética, já que essa preocupação não teria sentido, por não fazer referência ao espaço de aceitação mútua (Maturana, 2001).

Isto posto, penso que precisam ser inseridas nas discussões com os estudantes as dimensões das emoções e da sua relação com a ética, assim como das metáforas e das metonímias que alicerçam as compreensões dos temas que suscitam opiniões que não se sustentam nos fatos, além das próprias questões de superfície da linguagem, isto é, da sua materialização nas interações cotidianas.

É preciso fazer a pergunta pelo observador: quem explica a experiência? Como ele a explica? Outro observador poderia explicá-la de outra maneira? Como? Por quê? Questões desta natureza são importantes, porque a experiência não é independente do experienciador. Só diante da pergunta pelo experienciador, o discurso fará sentido.

E mais, quando não fazemos essa pergunta, tendemos a viver, inocentemente, no espaço e nas relações com os outros. Então, diante de uma opinião como a emitida pelo ex-presidente, algumas outras questões ainda podem ser postas para o debate: Esta fala baseia-se em fatos? Se sim, em quais? Houve apuração dos fatos? Como é possível fazê-la? Por que falas assim podem ocorrer? E mais: Se não localizadas as suas fontes, essa fala é construída com base em que?

Indo além, perguntas que promovam reflexões sobre a aceitação do outro, sobre as emoções podem ser postas, como as seguintes: Nessa fala, há espaço de aceitação do outro? A quem a sua aceitação afeta? A quem afeta a sua não aceitação? Esta fala está sustentada pela emoção de aceitação mútua? Se não, está alicerçada por outra emoção? Qual? Como essa emoção pode afetar as ações de quem fala? E as ações de quem ouve? Qual a minha emoção ao ouvi-la? Como a minha emoção pode afetar minhas ações? E a minha linguagem?

E, ainda, podem ser feitas questões sobre tomada de atitude, sobre ética, a exemplo de: Como preciso agir diante da ausência de fatos? Como me posiciono eticamente diante dessa ausência? Outras tantas questões podem ser propostas para problematizar os sentidos elaborados pelo conceptualizador-leitor a partir de textos que emergem no domínio da pós-verdade.

As aulas precisam, então, voltar-se, também, para promover reflexões acerca de questões concernentes à pós-verdade, indo além do conteúdo do texto, considerando o domínio em que ocorre a emissão de opiniões, como essa proferida pelo ex-mandatário do país e como outras emitidas por tantos outros personagens proeminentes e polêmicos desses tempos de distorções e de manipulações de informações. Caso contrário, ficaremos falando para humanos que, diante desse fenômeno, não falam-pensam-emocionam-razoam-agem-linguagem como pessoas que se encontram no domínio social, na emoção do amor e da aceitação mútua.

Sobre tudo isto, mais uma vez, recorro aos ensinamentos da biologia de Maturana (2001, p. 49). Podemos

ter discursos maravilhosamente acadêmicos que nada têm a ver com o humano. E vamos notar que nada têm a ver com o humano porque fazemos nosso discurso e não acontece

nada. E por que não acontece nada? Porque ou acontece no espaço de preocupações pelo outro, ou é escutado a partir de outro domínio de realidade.

E nesse outro domínio, não tem validade. É ouvido, “simplesmente, como um discurso que faz referência a seres ou a entes que não existem” (Maturana, 2001, p. 49), já que estão em outro domínio da realidade. E como “no discurso sobre as relações humanas, freqüentemente se criam condições de negação do outro” (Maturana, 2001, p. 49), as reflexões propostas não se aplicam a este outro, não surtindo, portanto, ações decorrentes do domínio social, emanadas de amor e de ética.

O seguinte exemplo pode ser esclarecedor a respeito do que aqui estou pontuando:

Lembro-me de ter visto, por exemplo, em 1972, quando estava na Itália, uma manchete no *Time* europeu que dizia: "Cinqüenta americanos mortos, duzentos comunistas exterminados." Interessante, os comunistas eram exterminados e os americanos morreram. Aí há uma separação total com respeito à legitimidade da preocupação com o outro. Extermina-se o que é legitimamente exterminável, aquilo frente ao qual a preocupação ética não entra, porque não pertence ao domínio de aceitação do outro no qual se está (Maturana, 2001, p. 49-50).

Voltando à opinião emitida pelo ex-mandatário, as Marias da Silva e o Josés dos Santos, enfim, as pessoas do Brasil são compreendidas metonimicamente como população, na relação metonímica TODO-PARTE; elas não têm rosto, elas não têm sonhos, elas não têm responsabilidades, elas não devem ter nenhum compromisso que não seja sacrificar-se pela imaginada imunidade de rebanho, para que a economia do país rode e não seja prejudicada.

Sobre a validação da conceptualização instanciada nessa opinião e aceita por tantos brasileiros que a ouvem e/ou a leem, eu não posso dizer que é inválida, porque se trata de um argumento válido, para o ex-presidente e para aqueles que assim compreendiam a pandemia, no seu domínio de validade. “Toda afirmação é válida no domínio de validade especificado pelas coerências que a constituem” (Maturana, 2001, p. 52). Mas isto não é ético, porque a ontologia da ética é a ontologia do amor, do espaço social e essa opinião está em outra emoção, no caso, como já observado, está na emoção do interesse. Então,

Ao assumirmos a biologia, estas coisas inexplicáveis podem ser explicadas. [...] se reconheço que quando gero um domínio explicativo o que faço é reformular a experiência com elementos da experiência — porque não posso distinguir entre ilusão e percepção, descubro que tenho tantos domínios de realidade, tantos universos — ou seja, tenho um multiverso — quantos domínios de coerências operacionais eu possa originar em minha experiência. E a experiência não é o universo. A experiência é o que acontece com cada um de nós. [...] (Maturana, 2001, p. 53-54).

No domínio social da ciência e, também, no da educação, nas compreensões elaboradas por pessoas que aceitam o critério de validação das explicações científicas em que ocorre a coordenação consensual de suas ações umas com as outras, na aceitação de validação dessas explicações, essa compreensão do ex-presidente é inválida. E mesmo que não seja possível distinguir ilusão de percepção, “as explicações científicas não se referem à verdade, mas configuram um domínio de verdade, ou vários domínios de verdades

conforme a temática na qual se dêem” (Maturana, 2001, p. 56). Entre a comunidade científica, uma explicação é válida, quando o critério de validação das explicações dos cientistas teve suas exigências atendidas.

Isto posto, precisamos levar em consideração o contexto em que experienciamos; afinal, nesses tempos fluidos em que vivemos, a alta conectividade tem servido para que ideias sócio-historicamente invalidadas pelas ciências sejam resgatadas e que outras tantas sejam criadas e disseminadas, por ganharem adesão ao garantirem uma compreensão de pertencimento capaz de unir rapidamente uma legião de seguidores fieis que passa a ser usada para servir a interesses de agentes e grupos sociais que disputam a hegemonia de visões de mundo e de suas práticas sócio-culturais.

A atual pandemia de pós-verdade possibilita a circulação de desinformação que passa a concorrer com conhecimentos validados cientificamente. A pós-verdade já tem sido, inclusive, apontada como um novo horizonte de comunicação hegemônico, alicerçado pelo controle de dados da internet e pela polarização comunicativa dogmatizada das bolhas digitais. Nesta, digamos metafóricamente, guerra cibernética, inverdades ou meia-verdades têm sido usadas para a desqualificação de sujeitos, processos sociais e das instituições educacionais, enquanto as notícias de fontes fidedignas e factíveis perdem espaço.

Presenciei, recentemente, três situações em que pessoas adeptas da vacinação procrastinaram tomar as últimas doses da vacina da covid-19, mesmo diante da experiência de enfraquecimento da pandemia após a vacinação da população em geral. Seria isto um indicativo de a pós-verdade já furar outras bolhas ideológicas e já efetivamente caminhar para se tornar o novo horizonte de comunicação hegemônico? A hegemonia intelectual? Como podemos nos defender do espalhamento dessas desinformações? Como elas atuam para reformulação do nosso modelo cognitivo idealizado de ciência? E como tudo isto interfere no ato de ler, enfim, na construção de sentidos a partir de textos produzidos no domínio da pós-verdade? Muitas, ainda, são as questões a serem postas e respondidas. Agora, precisamos nos posicionar no domínio da ciência, para buscarmos respostas que sejam satisfatórias para a validação dos nossos pares.

Para procurarmos essas respostas, precisaremos considerar também que, para trabalhar com pós-verdade no chão da escola, será necessário nos colocar diante do desafio do exercício da interdisciplinaridade; teremos de nos empenhar para estabelecer conexões entre diferentes campos do conhecimento que foram, quase completamente, desfeitas pela visão disciplinar; será importante, assim, que tracemos um percurso que vá além da abordagem analítica dos textos e, ainda, será premente que nos permitamos interligar razão e emoção, sem desprezar a importância da emoção no dia a dia das pessoas e, inclusive, no estabelecimento da ética. Lembrando, ademais, que “as discussões ideológicas, em geral, dão-se no domínio da objetividade sem parênteses, porque as ideologias colocam-se como posições experienciais ou filosóficas que pretendem acesso à realidade em si. Portanto, o que está em outra ideologia está errado, e por isso é negado” (Maturana, 2001, p. 39). Será, finalmente, necessário considerar que, pela determinação da nossa biologia (Maturana; Varela, 2001),

[...] na perspectiva de qualquer sistema explicativo, uma afirmação noutra sistema explicativo é uma ilusão. Desse modo, na perspectiva deste sistema explicativo, uma vez que a pessoa pretende estar na verdade, o que a outra pessoa faz no outro sistema explicativo é caótico. Se o outro esta equivocado é pelo simples fato de não estar comigo. (Maturana, 2001, p. 57).

A tarefa, então, é hercúlea, mas precisa ser enfrentada e cumprida por nós, professoras e professores, com a certeza de que os resultados alcançados definirão, de modo importante, a qualidade de vida nos próximos capítulos da história da humanidade.

Disto isto, a seguir, parto para a finalizar, por agora, as minhas reflexões sobre este tema tão espinhoso e de necessário enfrentamento no chão das nossas escolas, mas não só, porque afeta a nossa vida em toda sua plenitude.

UMA ROTA TRAÇADA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas explicações para tudo, e, no nosso dia a dia, são muitas opiniões, porque há muitos ouvintes-leitores-conceptualizadores que aceitam diferentes critérios de validação das reformulações da experiência. Mas a escola precisa demonstrar que, na ciência, os critérios de validação de uma explicação – e não de opiniões independentes dos fatos – são postos em um domínio cognitivo de uma emoção diferente das relações de autoridade ou as relações dos sistemas hierárquicos, como o exército e outros fundamentados em outras emoções que não a emoção do amor e da aceitação mútua. Como professoras e professores, precisamos compreender que “as preocupações com o outro, o atentar para o outro nunca se estende além do espaço de aceitação que se tem com o outro. Por isso, as preocupações com o outro não vão além do espaço social no qual surgem” (Maturana, 2001, p. 48).

Como aqui destacado, nos debates promovidos sobre a leitura e construção de sentidos de textos produzidos no domínio da pós-modernidade, seria relevante aceitar as perguntas pelo observador, aceitar a biologia do observador e mostrar como o observador surge do operar da Biologia. (Maturana, 2001). E mais, como destacam Azevedo e Borba (2020, p. 1566),

o professor, enquanto intelectual, pode se valer do papel para questionar e provocar reflexões, desvelar possibilidades, construir novos itinerários de raciocínio para o aprendizado e reafirmar o compromisso com os conhecimentos científicos sem ignorar os atravessamentos socioculturais que interpelam os cotidianos escolares.

Além disto, é importante observar que

valorizar as Ciências e favorecer a aproximação dos atores escolares, especialmente dos estudantes, com o pensamento e a argumentação científica não significa desprezar, inferiorizar ou ignorar saberes plurais e leituras de mundo diversas que coabitam a escola. Favorece o alargamento de horizontes, experiências, práticas e intervenções sociais evidenciando inclusive que as Ciências e suas Tecnologias não detêm respostas para todas as questões que atravessam os sujeitos e as sociedades (Azevedo; Borba, 2020, p. 1566-1567).

Enfim, cabe aos agentes da escola compreender que

Abrir possibilidades para que os estudantes elaborem, narrem e ressignifiquem suas experiências sob mediação do professor é a chance para que a Escola reconheça e compreenda elementos identitários das infâncias e juventudes, realizando um trabalho de inclusão de emoções e sentimentos aos saberes e fazeres pedagógicos (Azevedo; Borba, 2020, p. 1569).

Enfim, será preciso promover uma educação racio-emocional, educação para as relações, não limitadas às interpessoais, mas também voltada para as relações que a pessoa estabelece com o conhecimento, com o mundo, com os outros e com ela mesma, com a sua cognição e com o mundo. Na elaboração dos mundos possíveis, as pessoas se deparam, inevitavelmente, com meias verdades, com verdades fabricadas, com meras opiniões, independentes dos fatos, e isto as conduz a diferentes relações. Então, será preciso uma educação para as relações com as dimensões de problematização, de curiosidade epistêmica, de ética, de desejo e pertencimento social (Almeida, 2024). Assim, no chão da escola, indo além dos conteúdos, não poderemos deixar o nosso corpo aqui, a nossa mente ali, a nossa razão acolá e as nossas emoções para lá; precisaremos promover uma educação para a complexidade da vida em sua inteireza, inclusive, constituída, também, pelo fenômeno da pós-verdade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A. D. A ciência no Twitter e a construção ecológica do significado: inimigos, entre defesa e ataque, entre vitória e derrota, quando podemos viver pela metáfora da guerra. *Signo*, n. 48, v. 91, p. 83-96. <https://doi.org/10.17058/signo.v48i91.17970> Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/17970> Acesso em: 05 set. 2023.

ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos. Ciência, opinião e Fake News em tempos de coronavírus: conceptualizações em memes sob a abordagem da linguística cognitiva. *Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 19, p. 56-76, 2020. DOI: 10.12957/pr.2020.52642. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/52642/34906> Acesso em: 02 set. 2023.

ALMEIDA, A.A. D. Como posso te achar no Facebook? Você me acha como... questões sobre metonímia, modernidade líquida e emoção na antroponímia. *Linguística*. Montevideo, n. 36, v. 1, p. 81-100, 2020. DOI:10.5935/2079-312X.20200005 Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/ojs/index.php/Revista/article/view/45/40> Acesso 10 set. 2023.

ALMEIDA, V. D. *Caosgrafia do amor docente*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

- BARCELONA, A. La metonimia conceptual. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. M. (Dir.). *La Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012, p. 123-146.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Lingüística cognitiva*. Tradução de Antonio Benítez Burraco. Madrid: Akal, 2008.
- D'ANCONA, M. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos da Fake News*. Tradução de C. Szlakj. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss*. São Paulo: Moderna, 2024.
- LAKOFF, G. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G. *Política moral. Cómo piensan progresistas y conservadores*. Tradução de Miguel Marqués. Madrid: Capitán Swing, 2016 [1996].
- LAKOFF, G. *Puntos de reflexión: Manual del progresista*. Tradução de Judith Wells. Barcelona: Península, 2013.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- MATURANA, H. R. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Tradução de Cristina Magro e Victor Paredes. Minas Gerais: Ed. UFMG, 2001.
- MATURANA, H. R. Uma abordagem da educação atual na perspectiva da biologia do conhecimento. In: MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 11-35.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. G. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Tradução de H. Mariotti e L. Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001 [1984].
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2009.
- SILVA, A. S. da. Significado, conceptualização e experiência: sobre a natureza do significado linguístico. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 10, Faculdade de Filosofia da UCP. 2006.